

Vamos tramar uma história?
Um estudo sobre a Constituição do Sujeito e Psicanálise

Lorena Bitar M. de Almeida

RESUMO

A ênfase da psicanálise na experiência com o Outro propõe pensar na relevância do estatuto da linguagem para a constituição subjetiva de uma criança. Considerando que os estudos sobre a origem do psiquismo apontam para um sujeito construído pela relação com o Outro – sob o efeito da linguagem –, proponho pensar nas tramas que levam a criança à constituir-se psiquicamente.

Antes mesmo de nascer o bebê já está inserido de algum modo no campo da linguagem, já é marcado com um nome e antecipado como tal a partir deste lugar. Muito antes de começar a balbuciar as primeiras palavras, ele não só recebe seu nome, como recebe sentido para os seus sinais, seus gestos e barulhos, sendo assim marcado por um significante. Mas para penetrar no mundo da linguagem e aceder à palavra, não basta receber esta nomeação, é preciso que um Outro falante tome o *infans* aos seus cuidados e desempenhe a função de transmissor da referência ao Outro da linguagem, diante do qual ele advirá como sujeito.

Neste escrito, trarei o caso de um menino atendido em consultório particular, que permite refletir sobre as implicações do discurso parental na constituição psíquica de uma criança. Partindo da perspectiva de que são os pais que antecipam um lugar para o bebê, interrogo-me sobre a posição subjetiva que uma criança pode construir em torno deste lugar.